

Ciência Lingüística: da origem saussureana ao percurso sociolingüístico

Solyany Soares Salgado*

Resumo: Este artigo apresenta algumas considerações sobre as diretrizes tomadas pela ciência Lingüística na tentativa de oferecer um melhor aparato teórico para a compreensão dos fenômenos lingüísticos. Neste trabalho, as propostas teóricas originadas de reflexões feitas por autores como Saussure, Bakhtin, Chomsky e Labov são levadas em consideração para mostrar, entre outras coisas, que os lingüistas estão vendo, cada vez mais, a possibilidade de se trabalhar aspectos em comum de teorias lingüísticas diferentes para melhor explicar o objeto de estudo.

Palavras-chave: Lingüística, concepções de língua, teorias lingüísticas.

Abstract: This article presents some considerations about the guidelines adopted by science linguistics in an attempt to provide an improved apparatus for the theoretical understanding of linguistic phenomena. In this work, the theoretical proposals arising from discussions by authors such as Saussure, Bakhtin, Chomsky and Labov are taken into account to demonstrate, among other things, that the linguists are seeing, increasingly, the possibility of working on common issues of different linguistic theories to better explain the object of study.

Key words: linguistics, concepts of language, linguistic theories.

Introdução

Vemos um novo caminhar científico sendo realizado e numa perspectiva diferente do que se costumava ver, em que as teorias lingüísticas buscavam mostrar visões unificadas e diferentes em relação ao objeto e cada uma considerando ser a mais coerente. A fragilidade das propostas teóricas, que apresentam algumas falhas diante de determinados fenômenos lingüísticos, mostra, na verdade,



que não existe uma doutrina unificada, mas que é possível buscar contribuições de outras ciências para dar um melhor aparato aos fundamentos teóricos.

Fazendo um apanhado sobre as fases dos estudos da linguagem, notamos que eles passaram por alguns momentos que os guiaram de acordo com o pensamento vigente nesses períodos.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL (PPGL/UFAL) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

De modo geral, desde a fase gramatical iniciada pelos gregos, passando pela filológica, pela gramática comparada e pela neogramática, os estudos tinham um caráter histórico das línguas e não conseguiam delimitar um objeto de estudo. Somente no início do séc. XX, a partir da publicação, em 1916, do *Curso de Lingüística Geral* (CLG) organizado pelos alunos Bally e Sechehaye e baseado nas idéias expostas nas aulas de Ferdinand de Saussure, que a Lingüística passou a ser considerada Ciência.

Novas perspectivas de estudos lingüísticos foram surgindo, refutando, confirmando ou reformulando as idéias apresentadas pelos estudos anteriores e que foram ampliando as possibilidades de se fazer ciência lingüística. Apontaremos algumas proposições encontradas no CLG que foram pontos de reflexões para muitos autores e que levaram, de um modo ou de outro, a essas novas propostas teórico-metodológicas de estudo lingüístico.

Consideráveis propostas poderiam ser apresentadas e discutidas neste trabalho, mas, nos deteremos em algumas reflexões levantadas por Bakhtin e Chomsky sobre a proposta saussureana no CLG e, mais detalhadamente, na teoria de Labov para o estudo da língua, com menções a alguns princípios apontados por Saussure, Bakhtin e Chomsky.

1. Ciência lingüística

Saussure, no início do séc. XX, conseguiu apresentar uma proposta que estaria de acordo com as exigências das ciências da época – de linha positivista – com conceitos, objetivos e pressupostos bem delimitados para o estudo da linguagem. Ao fazer isso, esse teórico apresenta conceitos norteadores da sua proposta que ainda servem de fundamentos para os estudos lingüísticos mais contemporâneos. Esses conceitos saussureanos foram denominados, posteriormente, de dicotomias, sendo elas língua vs. fala, sincronia vs. diacronia, significado vs. significante e sintagma vs. paradigma.

Destacaremos duas questões abordadas no CLG, a da língua como objeto da Lingüística e a do seu estudo na perspectiva sincrônica, para apresentarmos as reflexões levantadas pelos autores sobre esses aspectos.

Ao falar sobre a primeira dicotomia, acima citada, o autor mostra ser a língua o objeto de estudo da Lingüística a concebendo como um sistema de signos (constituídos por significado e significante), sendo fruto de convenção social, portanto homogênea, coletiva, imutável pelo indivíduo e exterior a ele. Essa exterioridade, segundo o teórico, comprova que a língua é convencional, mas não organizada logicamente. Ela seria, na verdade, um sistema transmitido por gerações em que o sujeito-falante não teria consciência dos processos lingüísticos.

A fala seria, então, o uso individual dos falantes e não poderia ser analisada, nesse recorte de estudo, por ser, principalmente, heterogênea e assistemática. Apesar de ter sido excluída do estudo lingüístico, não é negada a interdependência das duas e que as mudanças na língua são motivadas pela forma oral, pois “*é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos lingüísticos*” (2004 [1916], p. 27, grifo nosso). Mas, reafirma que as duas são distintas, cabendo também estudos distintos.

Nesse modelo de análise, é proposto que a língua seja estudada sincronicamente, fazendo um recorte do momento histórico e desconsiderando a ação do tempo para, só então, analisar sua estrutura. Para ele, esse estudo estruturalista não poderia ser feito no molde histórico-comparado, um estudo diacrônico até então realizado.

Desse modo, o autor rompe com a tendência dos estudos diacrônicos, sugerindo o estudo sincrônico da estrutura das línguas num determinado momento histórico e num tempo específico. Tudo isso conferiu à Lingüística o estatuto de uma ciência e trouxe conceitos e reflexões significativos às análises lingüísticas posteriores.

2. Percurso lingüístico: Bakhtin e Chomsky

Autores como Bakhtin, Chomsky e Labov lançaram novas propostas para o estudo da linguagem, mas partiram daquilo que já havia sido feito pelos estudiosos que os antecederam historicamente, assim como Saussure que, por sua vez, também trouxe proposições levantadas anteriormente por Humboldt.

Antes de falar sobre a Sociolingüística, seria importante trazer alguns pontos levantados pelos dois primeiros autores citados em relação à linha estruturalista para ser percorrido o caminho que as ciências lingüísticas tomaram e, então, chegar à proposta da teoria aqui enfocada.

Bakhtin (1929) foi um dos autores que apresentou reflexões divergentes sobre a proposta saussureana no livro *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Para esse autor, a língua não poderia ser concebida como homogênea, nem como um sistema imutável transmitido por gerações e adquirida pelos indivíduos, sem que estes pudessem modificá-la.

O sujeito saussureano – se é que podemos assim denominá-lo –, que não tem acesso ao sistema de língua para modificá-la – ficando a cargo do tempo e das forças sociais, transmitidas lingüisticamente por meio da fala, as mudanças ocorridas nela – é considerado por Bakhtin como sujeito atuante que se constitui na e pela língua.

Para esse autor, ela seria, então, constituída por signos ideológicos, construídos sócio-historicamente e que refletem as mudanças ocorridas na sociedade. Enquanto que para o estruturalismo, um estudo lingüístico deveria ser feito por meio de um recorte, o que configuraria um caráter estático.

Ao romper com a dicotomia, esse teórico afirma que a linguagem é uma prática social que tem na língua a sua realidade material e é vista como um processo evolutivo ininterrupto. A fala também não seria o seu objeto de estudo. Na verdade, ele afirma ser o enunciado o seu objeto e sendo visto como algo em processo que só pode ser estudado na interação verbal, no diálogo.

Essas contribuições foram significativas para o surgimento de uma nova linha de pesquisa que tem o discurso, como seu objeto de estudo. Essa linha tem como precursor Michel Pêcheux (1969) e que viu a possibilidade de se estudar o discurso, trabalhando de forma imbricada a Lingüística (Saussure), a Psicologia (Freud) e o Materialismo Histórico (Marx).

Chomsky, por sua vez, trouxe um questionamento norteador da sua proposta teórica, que tenta ser “capaz de descrever e explicar abstratamente *o que é e como funciona* a linguagem humana” (KENEDY, 2008, p. 127, grifo nosso). Para esse autor, o ser humano tem uma faculdade de linguagem inata, uma capacidade genética que permite ao homem falar e entender seu sistema lingüístico.

A língua para o modelo gerativista inicial, na década de 60, seria homogênea e, assim, apenas um informante (tido como ideal) já seria um bom representante dela. O objeto da análise gerativista, portanto, seria essa competência lingüística do falante, tendo como

um dos objetivos buscar respostas sobre esse conhecimento das regras que governam as línguas. Chomsky apresenta uma distinção entre competência e desempenho lingüístico, afirmando que esse último seria o uso concreto da língua e, muitas vezes, apresenta desvios ou erros na exteriorização por meio da fala e se tornaria irrelevante para a teoria.

Esse estudo do funcionamento da língua focado apenas na sintaxe e o não interesse pela investigação dos “desvios” do sistema homogêneo foram alvos de crítica de quem adotou a proposta sociolingüística, que não vê a possibilidade desse estudo gerativo, desconsiderando o envolvimento e a atuação de questões sócio-históricas.

Porém, o interesse inicial dos gerativistas pela competência lingüística cede lugar à busca pela gramática universal (GU), ou seja, “[...] o conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU” (KENEDY, 2008, p. 135).

Essa busca acaba gerando, em 1993, o modelo de Princípios e Parâmetros, em que a questão da variação sintática é amplamente discutida, e, em 1995, o Programa Minimalista. Nesse programa, questões anteriormente assumidas, voltam a ser analisadas.

Como afirma Chomsky (1997, grifo do autor), nesse momento, “a gramática gerativa procura descobrir os mecanismos que são usados [na linguagem], contribuindo assim para o estudo de como eles são usados de maneira criativa da vida normal”.

3. Percurso sociolingüístico: Labov

A Sociolingüística é um ramo da Lingüística que estuda a relação entre estrutura e funcionamento da língua e da sociedade. Surge com a intenção de trazer o papel dos fatores sociais para a configuração das línguas, papel que estava sendo desconsiderado pelas outras teorias. Suas áreas de interesse são várias como, por exemplo, questões relacionadas ao surgimento e extinção lingüística, contato entre línguas, multilingüismo, variação e mudança. Iremos nos deter nas duas últimas áreas anteriormente citadas e que são de grande interesse da Sociolingüística Quantitativa de William Labov.

Labov, já em meados do século XX, reafirma uma nova perspectiva, mostrando que o ponto de vista não seria mais o do estruturalismo que, no sentido europeu, “é um termo que se refere à visão de que existe uma estrutura relacional abstrata que é subjacente e deve ser distinguida dos enunciados reais e de que ela é o objeto primordial de estudo do lingüista” (WEEDWOOD, 2002, p.128). Nem seria a de Chomsky, que não considera as questões sociais como elemento necessário à sua proposta de estudo. Mas, um que considera a língua em seu contexto social, como defendiam alguns autores da escola de Praga como Mathesius e Neustupný.

Esses autores da escola de Praga tiveram interesse pela variabilidade e pela mudança contínua, porém, não conseguiram apresentar “métodos empíricos” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p.107) para trabalhar essas questões. Labov apresenta, então, uma metodologia, tendo como objeto de estudo a fala, observando seu contexto e indicando ser possível sistematizar o aparente caos lingüístico.

Para a Teoria da Variação Lingüística a língua é heterogênea, de caráter social e de variabilidade submetida, sendo a heterogeneidade algo inerente a ela. Porém, ao

contrário do que afirmou estudos baseados no estruturalismo europeu, para os sociolinguistas a heterogeneidade da língua é passível de ser sistematizada pelo fato de existirem fatores lingüísticos e sociais que condicionam e que favorecem a escolha de uma das formas variantes encontradas nas comunidades de fala. Nesse ponto, a Sociolinguística estaria de acordo com o que Bakhtin diz sobre a dinamicidade da língua, pelo fato dela estar sempre em processo de transformação e por ter a questão social atuante nessa configuração lingüística.

Ao afirmar que existe variação na língua, Labov mostra que existem variantes, ou seja, formas diferentes com mesmo significado e que pelo fato de haver julgamento de valor, determinado socialmente, uma forma é tida como prestigiada e a(s) outra(s) acaba(m) sendo estigmatizada(s). Essa foi uma relevante constatação que vem contribuindo para o não preconceito lingüístico – determinado, como vimos, socialmente – e para a área da educação no sentido de compreender o porquê de alguns usos lingüísticos dos alunos que divergem do considerado padrão – que também é determinado socialmente.

Tais questões foram excluídas dos estudos saussureanos e gerativistas que, como já foi dito, vêem a possibilidade de estudo sistemático apenas tendo a língua como abstração, não sendo necessária para o estudo a coleta de dados por meio da fala de vários indivíduos.

Seria relevante também falar que na proposta de Saussure a Lingüística teria autonomia para estudar a língua sem a necessidade de contribuições diretas de outras ciências para estudar o funcionamento dela. Enquanto que na Sociolinguística, inclusive na Variacionista de Labov, é notável a participação de ciências como a Sociologia, a Antropologia, a Geologia e a História na tentativa de uma melhor compreensão da língua usada nas comunidades de fala e dos processos lingüísticos que podem gerar mudança.

Além do que foi exposto, na Sociolinguística são possíveis os estudos sincrônicos e diacrônicos para verificar a origem, a extensão e a propagação das formas variantes. Enquanto que para Saussure, os resultados e análises desses estudos não teriam relação, uma vez que os fatos da série diacrônica não são da mesma ordem da série sincrônica (SAUSSURE, 2004 [1916], pp. 101-102).

Assim, Labov juntamente com Weinreich e Herzog (2006 [1975]) lançam a proposta de uma teoria da mudança lingüística, mostrando a importância de se considerar os elementos internos e externos à língua envolvidos no processo de mudança a ser estudado. Encontramos essa reflexão na citação: “A interpretação dos dados em termos de mudança lingüística depende da inteira estrutura sociolinguística, e não simplesmente da distribuição no tempo aparente ou real” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p.116).

Isso significa levar em consideração cinco questões para a investigação do processo de mudança numa perspectiva variacionista, apresentadas a seguir.

Os *fatores condicionantes* é a primeira questão apresentada pelos autores e traz a importância de se fazer um levantamento dos fatores que estariam dando condições para a mudança, sempre combinando os fatores lingüísticos com os sociais.

A segunda é o estudo do momento de *transição*, em que uma estrutura vai sendo substituída por outra, passando pelo momento de alternância e pelo de substituição,

surgindo o traço arcaico em oposição ao inovador. O estudo desses dialetos em transição é importante para a compreensão da mudança ocorrida.

Os encaixamentos lingüístico e social, a terceira questão abordada, revela que o modelo de língua tem “estratos discretos” funcionando diferentemente e disponíveis à comunidade de fala e que as variáveis intrínsecas são definidas por elementos lingüísticos e extralingüísticos. As variações sociais e geográficas são intrínsecas à estrutura lingüística e exercem grande influência no sistema como um todo. Cabe ao lingüista “determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema lingüístico abstrato” (Labov, Herzog e Weinreich, 2006, p. 123).

A *avaliação* das variáveis lingüísticas pelos membros de uma comunidade de fala está diretamente relacionada ao caminho que um processo (em transição) vai seguir, podendo caracterizar uma mudança, em que uma das formas é substituída por outra, ou uma variação estável, em que “entende-se que a realidade encontrada na comunidade de fala se manterá inalterada por algum tempo, já que nenhuma das formas em uso se mostra mais ‘forte’, não havendo, assim, predominância de uma variante lingüística sobre a(s) outra(s)” (SILVA, 2007, p. 34). Como exemplo de variação estável em português, temos o caso do apagamento de [r] em posição de coda, em final de palavras, como “mar”, “bar” ou em verbos no infinitivo como “falar”, “beber”, “cair” etc. (CALLOU; LEITE; MORAES, 1998).

Por fim, o problema da *implementação*. Saber como e quando uma mudança é implementada e como o fenômeno deixa de ser visto como de mudança e passa a fazer parte da estrutura sociolingüística de uma comunidade são questões em que “é provável que todas as explicações a serem propostas no futuro próximo serão a *posteriori*” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 124), pois é grande o número de fatores que influencia a mudança e, por se tratar de mudança também no comportamento social, as hipóteses preditivas não são possíveis.

Trabalhos nessa perspectiva sincrônica e diacrônica vêm contribuindo para um projeto de estudo histórico social e de sintaxe diacrônica das variedades regionais, denominado “Para uma história do Português Brasileiro”, que busca uma reconstituição nacional da história do Português Brasileiro (PB). Nesse projeto, encontramos trabalhos que buscam compreender estruturas lingüísticas atuais buscando fatores sócio-históricos, demográficos e lingüísticos do passado e do presente, ou seja, fatores que atuaram e que atuam na constituição do PB.

A unificação de propostas gerativas e sociolingüistas, resultando na proposta da sociolingüística paramétrica, é marcante nos trabalhos desse projeto e vem reafirmar a possibilidade de contribuições de teorias lingüísticas diferentes como meio de dar conta de explicar o objeto de estudo e de se efetuar o objetivo traçado pelo estudioso sobre o fenômeno estudado.

Considerações finais: fim do nosso percurso, mas não o da ciência Lingüística

Este artigo buscou mostrar parte da caminhada da ciência Lingüística trazendo um apanhado sobre estudos lingüísticos, dando ênfase a algumas propostas teóricas a partir do início do século XX, com Saussure, passando pelas reflexões de Bakhtin, até chegar à proposta de Chomsky e à proposta da Sociolingüística Quantitativa de Labov, muito utilizadas em pesquisas atuais.

De modo geral, vimos a ação científica de estudiosos que buscavam e buscam aprimorar as propostas de estudo, procurando, sempre de forma coerente, atender aos questionamentos originários das observações desse objeto complexo de estudo, que é a língua.

Muitas questões que foram deixadas de lado por algumas teorias, por motivos de delimitação de estudo e até mesmo por limitações de diversas naturezas, foram retomadas por outras e o aprimoramento das propostas teóricas oferece melhores condições a estudos que apresentam diversos olhares sobre o mesmo objeto.

As divergências nas propostas apresentadas são resultados de estudos científicos que, de forma natural, vão sendo reformulados e apresentando novas perspectivas que buscam atender da melhor maneira possível aos questionamentos sobre a língua e suas implicações. As propostas teóricas, portanto, tentam dar conta do objetivo traçado sobre o objeto focado e isso traz, inclusive, a possibilidade de se trabalhar com teorias lingüísticas diferentes, mas que em alguns pontos convergem e dão conta da explicação do objeto de estudo.

Referências

- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986 [1929].
- CALLOU, D. M. I. ; LEITE, Y. ; MORAES, J. A. . *Apagamento do R Final No Dialeto Carioca: Um Estudo Em Tempo Aparente e Em Tempo Real*. D.E.L.T.A, v. 14, p. 61-72, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102445019980003000_06&script=sci_arttext. Acesso em 20.05.2009.
- CHOMSKY, N. *Novos horizontes no Estudo da Linguagem*. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 13, special issue. São Paulo, 1997. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501997000300002&script=sci_arttext. Acesso em 20.05.2009.
- KENEDY, E.. Gerativismo. In MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LABOV, W. *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983 [1972].
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. (orgs.) BALLY, Charles e SECHEHAYE, Albert. [trad.] Antônio Chelin, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].
- SILVA, V. A. da. *A concordância nominal em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português popular do interior do Estado da Bahia*. 2007. Dissertação - UFBa, 2007.
- WEEDWOOD, B.. *História concisa da lingüística*. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2002.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006 [1975].